



NINA RODRIGUES E JOÃO DO RIO: NARRATIVAS ACERCA DO RITO INICIÁTICO COM BASE NA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL AO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3809

Ana Paula de Assis Souza, UEM

Resumo

O presente trabalho está vinculado ao projeto de mestrado intitulado Os Ritos de Iniciação Afro-Brasileiros em Nina Rodrigues e João do Rio (Brasil - Primeira República). A finalidade desta proposta, no entanto, significa levar em consideração os escritos dos intelectuais Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, (1881-1921), acerca do rito iniciático, isto é, analisar em suas narrativas a crença e religiosidade afro - brasileira cujos estudos de caráter precursor apresentam compreensão da prática, do culto e manifestação de matriz africana no Brasil. Sendo assim, é possível analisá-los diante de um objeto em específico, ou seja, buscar compreender o regime de enunciação e suas visões de mundo, pois segundo Michel de Certeau (1982) “na medida em que o pesquisador investiga não se pode suprimir a *particularidade* do lugar de onde se fala” (CERTEAU, p. 56). Optou-se, portanto em realiza-la pelo viés da “História, Cultura e Narrativas” por entender que a História Cultural permite compreender as representações presente nas narrativas dos intelectuais Nina Rodrigues e João do Rio, acerca dos ritos iniciáticos, em Salvador e Rio de Janeiro, ao final do século XIX e início do século XX. As fontes eleitas para tanto consistem em *O animismo fetichista dos negros bahianos* (RODRIGUES, 1935) e *As religiões no Rio* (RIO, 1906).

Palavras Chave:

Nina Rodrigues; João do Rio; Rito Iniciático; Matriz Africana; História Cultural.

Introdução

Partindo dos escritos de um médico Nina Rodrigues (1862-1906), que atuava em Salvador e de um jornalista, João do Rio (1881-1921), que atuava na capital fluminense - sendo que ambos interessaram pelas manifestações religiosas crenças afro-brasileiras enquanto objeto de pesquisa e produziram narrativas sobre elas – para compreender as representações dos ritos de iniciação auxiliam não apenas para um maior conhecimento da cultura africana, mas como estas práticas rituais assumiam, dentro do contexto da Primeira República, exemplos concretos da legitimidade da cultura religiosa de determinado grupo social que, por meio de manifestações religiosas, buscavam sua perpetuação enquanto herança coletiva de um povo de matriz africana.

No que concerne ao estudo das crenças afro-brasileiras, pensar a iniciação, implica, sobretudo, considerar a adesão individual a uma cultura coletiva. Sem novas iniciações, as religiões deixam de existir. Os deuses deixam de existir. Dessa maneira, pensar as narrativas produzidas por Nina Rodrigues em Salvador e por João do Rio no Rio de Janeiro, significa atentar a importância histórica das religiões afro-brasileiras durante a Primeira República.

Para se compreender as representações produzidas por Nina Rodrigues e João do Rio sobre os ritos de iniciação narrados por eles, é preciso considerar o contexto histórico em que ambos estão inseridos. Segundo Paula Montero (2006), no início da república no Brasil, o Estado percorria um processo de modernização, por meio de um movimento de separação jurídica da Igreja Católica, o que acabou abrindo espaço para que outras denominações religiosas buscassem espaço na esfera pública.

[...] No processo de constituição do nosso Estado moderno como

esfera política própria, ao passo que houve um retraimento do catolicismo para o espaço social, produziu-se um intenso conflito em torno da autonomia de certas manifestações culturais de matriz não - cristã, ou da sua legitimidade para expressar-se publicamente. Assim, no processo mesmo de constituição do Estado brasileiro como esfera separada da Igreja Católica, manifestações variadas de “feitiçaria”, “curandeirismo” e “batusques” só puderam ser descriminalizadas quando, em nome do direito à liberdade de culto, passaram a se constituir institucionalmente como religiões. (MONTERO, 2006, p.49)

Paula Montero (2006) salienta ainda, que para a compreensão da ordem social moderna era necessário à distinção entre a esfera pública do Estado e a esfera privada da sociedade, o que permitiu a religião sua autonomia pública civil em relação ao Estado. Diante deste contexto de enquadramento do que poderia ser entendido por “magia” e o que poderia ser reconhecido por “religião”, surgiram dois intelectuais que, de acordo com Serafim, “se propuseram a pensar as crenças religiosas africanas, estabelecendo discursos pioneiros, além de categorias para pensar e denominar tais manifestações” (2014, p. 174). São eles: Nina Rodrigues e João do Rio.

Desenvolvimento

Raimundo Nina Rodrigues nasceu em 4 de Dezembro de 1862 em Vila do Manga, atualmente sede do Município de Vargem Grande no Maranhão, faleceu em 17 de julho de 1906, em Paris. Filho do Coronel Francisco Solano Rodrigues e Luiza Rosa Nina Rodrigues, sendo ele dono do Engenho São Roque, plantador de algodão, cana de açúcar e criador de gado na região. E ela mãe de mais seis filhos, seria descendente de uma família sefardim que veio para o Brasil fugindo da perseguição aos judeus na Península

Ibérica. (CORRÊA, 2001)

A formação de Nina Rodrigues tem muito da origem familiar e seus descendentes. Coursou Medicina na Bahia até o quarto ano, iniciado em 1882, os outros dois transferiu-se para a Faculdade do Rio de Janeiro onde se formou em 1887. Nina Rodrigues após sua defesa da tese de doutorado com o tema *Das Amiotrofias de Origem Periférica* clinicou em São Luís do Maranhão e escreveu vários artigos sobre a higiene pública da população maranhense. Sua carreira foi sendo direcionada para a academia da Faculdade como professor à medida que começaram as publicações na *Gazeta Médica da Bahia* acerca da lepra e do quadro classificatório das raças no Brasil. Em 1889 prestou concurso para a Faculdade de Medicina da Bahia no qual se tornou adjunto da 2ª Cadeira de Clínica Médica. Casou-se com Maricas filha do Conselheiro José Luiz de Almeida Couto e teve uma filha chamada Alice. (CORRÊA, 2001)

Por sua vez, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, mais conhecido por João do Rio, nasceu no Rio de Janeiro em agosto 1881, foi jornalista investigativo e cronista de formação positivista. João do Rio começou no jornalismo aos 16 anos, sofreu influências literárias de Oscar Wilde, Eça de Queiroz e Charles Baudelaire. Aos 18 chegou à redação do jornal *Cidade do Rio*. Era um grande escritor com grande produtividade entre 1900 e 1903. Foi no *Jornal da Gazeta de Notícias* que nasceu em novembro de 1903 o João do Rio seu pseudônimo mais famoso, assinando um artigo “O Brasil Lê”, uma enquete sobre as preferências literárias do leitor carioca. Sua figura era de mulato claro pertencente à alta cultura, ele não estabelecia nenhum vínculo de identidade com os negros ou mulatos da classe baixa. Morreu em 23 de junho de 1921 de enfarte fulminante, deixando uma de suas maiores obras *As Religiões no Rio*, uma análise de cunho sociológico e

antropológico sobre as manifestações e rituais religiosos no Rio de Janeiro do Século XIX.

Diante do exposto, quando falamos da crença afro-brasileira nos referimos e associamos segundo os apontamentos de Silva (2005) enquanto a chegada ao Brasil de negros escravizados a partir do século XVI. Um processo que fez homens, mulheres e crianças, membros de reinos, clãs e linhagens, aliados e inimigos, caçadores, guerreiros, agricultores, sacerdotes e cultuadores de antepassados vivessem uma determinada organização social, política e religiosa (SILVA, p. 29).

Diante deste ato de mão-de-obra escrava e de relações desumanas de convívio social, os negros conseguiram manter pelo menos os valores e tradições culturais trazidas da África, um impasse diante da religião do catolicismo Português considerado obrigatório e oficial. De acordo com Silva (2005) a repressão e intolerância as práticas religiosas de matriz africana eram duramente combatidas pela Igreja.

As religiões africanas caracterizavam-se, como ainda hoje, pela crença em deuses que incorporam em seus filhos. São também religiões baseadas na magia. O sacerdote, ao manipular objetos como pedras, ervas, amuletos, etc., e fazer sacrifícios de animais, rezas e invocações secretas, acredita poder entrar em contato com deuses, conhecer o futuro, curar doenças, melhorar a sorte e transformar o destino das pessoas. Por esses princípios a magia africana era vista como prática diabólica pelas autoridades eclesiásticas, como já havia ocorrido com as religiões indígenas. Principalmente porque, sendo o catolicismo colonial também uma religião fortemente magicizada, era preciso distinguir a fé católica nos santos, almas benditas e milagres, das crenças consideradas “primitivas” em seres

que incorporam, em espíritos que recebem como alimento sacrifícios de sangue e em adivinhos que operam curas. [...] (SILVA, 2005, p. 35)

Partindo deste pressuposto, Nina Rodrigues (1935) e João do Rio (1904) por meio de suas narrativas descreveram cada um à sua maneira, as crenças afro-brasileiras e suas práticas de manifestação religiosa no século XIX. Para tanto, pensar o negro para estes intelectuais pressupunha estabelecer de imediato uma distância entre o branco católico e o negro feitiçeiro.

Para Nina Rodrigues (1935) a figura do negro é analisada diante da antropologia criminal, influenciado pelas ideias do criminólogo Italiano Cesare Lombroso, uma formação que aponta a raça negra e mestiça enquanto inferior psiquicamente, uma raça com característica física própria e singular envolto a criminalidade por meio da discriminação e desigualdade social.

O rito iniciático presente na descrição da obra do médico legista Nina Rodrigues pressupõe uma prática realizada especialmente pelo povo negro, uma vez que segundo Nina Rodrigues esta etnia contém uma pré-disposição a essas manifestações religiosas. Nina Rodrigues narrou a seguinte afirmação, “eu tenho visto casos numerosos de histeria¹ em pessoas da raça negra”, (RODRIGUES, 1935, p.135-136). O que demonstrava a preocupação em estudar e investigar a existência dos cultos africanos no Estado da Bahia no século XIX, bem como, a demarcação e evidência da figura desse negro em condição afro-brasileiro na sociedade.

Nas palavras do discurso do jornalista João do Rio, esta manifestação religiosa chamada de rito iniciático afro-

brasileiro, dava a ideia ao público leitor de venda de magias, feitiçarias de caráter diabólico, contrariando toda uma cultura europeia já sistematizada e propagada desde muito cedo na capital Rio de Janeiro. Segundo João do Rio, “e’ provável que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros e das negras. E’ todo um problema de hereditariedade e psychologia essa attracção mórbida”. (RIO, 1904, p. 25)

Diante de tal postura a narrativa de João do Rio apresentada à sociedade carioca demonstrava toda a adversidade das religiões em ascensão na República, e com ela uma classe média munida de curiosidades acerca das magias e sortes vendidas e propagadas em cada esquina.

Há feitiços de todos os matizes, feitiços lúgubres, poéticos, risonhos, sinistros. O feitiçeiro joga com o Amor, a Vida, o Dinheiro e a Morte, como os malabaristas dos circos com objectos de pesos diversos. Todos entretanto são de uma ignorância absoluta e affectam intimidades superiores, collocando-se logo na alta política, no clero e na magistratura. Eu fui saber, aterrado, de uma conspiração política com os feitiçeiros, nada mais nada menos que a morte de um passado presidente da Republica. A principio achei impossível, mas os meus informantes citavam com simplicidade nomes que estiveram publicamente implicados em conspirações, homens a quem tiro o meu chapéo e aperto a mão. Era impossível a duvida. (RIO, 1904, p. 30)

De todo modo, o rito iniciático presente nas duas fontes bibliográficas em questão, discorrem sobre uma prática afro-brasileira cujas origens de matriz africana denotam uma ação de um povo negro ao entrar em contato por meio de

¹ Termo utilizado por Nina Rodrigues e João do Rio para justificar a manifestação religiosa do povo afro-brasileiro acerca do rito iniciático. A cerimônia no terreiro com seus fetiches.

um ritual que promovesse o estado de histeria junto aos deuses orixás². Trata-se segundo Nina Rodrigues e João do Rio de crenças fetichistas³ destinavam-se as manifestações de divindades num ritual de repetição com a intenção de reverenciar e cultuar seus santos. Uma herança africana que traduz segundo Nina Rodrigues, “esta nevrose ou histeria tem um grande papel no desenvolvimento da religiosidade humana; e nós a encontramos amplamente em todos os povos fetichistas.” (RODRIGUES, 1935, p. 140). Ou seja, vivenciar essa prática segundo Nina Rodrigues e João do Rio, significa estar em contato direto com práticas genuínas da feitiçaria africana, estar por assim dizer pré-disposto a essa manifestação.

A iniciação nas confrarias demanda um processo muito complicado e sempre longo. Relativamente anodino entre nós, parece que na Africa se impõe provas e rigores por demais severos. Aqui na Bahia, toda a pessoa que deseja ter santo ou que encontra um objecto que supõe ser fetiche, vai consultar o pai do terreiro que, por meio de búzios ou dados, lhe diz qual o santo é, e ao mesmo tempo lhe designa o pai ou mãe do terreiro que tem de preparar o fetiche e dirigir a iniciação. (RODRIGUES, 1935, p. 74-75)

Nina Rodrigues de todo modo, evidencia o reconhecimento oficial da figura do negro em sociedade, pois proclamava o prestígio e vasta extensão dessas crenças na população baiana. Entretanto, estabelecia uma discussão científica a cerca desse sentimento religioso do negro afro-brasileiro, que

segundo Nina Rodrigues diz respeito ao “dado o fraco desenvolvimento intelectual dos negros africanos” (RODRIGUES, p. 139-140), cujo diagnóstico afirmava haver uma prática religiosa superior e inferior entre o catolicismo e o candomblé (Europa e África).

A persistência do fetichismo africano como expressão do sentimento religioso dos negros bahianos e seus mestiços, é facto que as exterioridades do culto catholico aparentemente adoptado por elles, não conseguiram disfarçar nem nas associações hybridas que com esse culto largamente estabeleceu o fetichismo, nem ainda nas praticas genuínas da feitiçaria africana, que ao lado do culto christão por ahi vegeta exuberante e valida. A existência na Bahia de crenças fetichistas tão profundas, de praticas tão regularmente constituídas como as da Africa; não occultas e disfarçadas, mas vivendo á plena luz do dia, de uma vida que tem arrhas de legalidade nas licenças policiaes para as grandes festas annuaes ou candomblés; que conta com a tolerância da opinião publica manifestada na naturalidade com a imprensa diária dá conta dessas reuniões como si se tratasse de qualquer facto da nossa vida normal; a existência de praticas que estendem a sua acção a esferas muito mais ampla do que aquellas em que se geraram; de crenças que são adoptadas e seguidas pelas soi-disant classes civilizadas, mercê já das alianças contraídas com o culto catholico, já do consorcio firmado com as praticas espiritas; esta existência, assim vivida e multiforme, é coisa que está no animo publico e no pleno conhecimento de todos. (RODRIGUES, 1935, p. 15-16)

Trata-se, pois de uma narrativa a apresentada por Nina Rodrigues que pressupõe legitimar a condição do negro e sua religiosidade e associá-la a questões

² De acordo com Nina Rodrigues e João do Rio este termo relaciona-se com os deuses ou santos africanos presentes no candomblé ou macumba. Litholtras e phitoltras.

³ Feitiçaria segundo Nina Rodrigues e João do Rio.

psicológicas, ou seja, diagnosticá-la cientificamente por especialistas da área médica e assim encontrar uma cura para tal manifestação. Segundo Nina Rodrigues, “do que tenho ouvido, dos casos que tenho observado, dos exames que tenho feito, sou levado a acreditar que os oráculos fetichistas, ou possessão de santo, não são mais do que estados de sonambulismo provocado, com desdobramentos e substituição de personalidade”. (RODRIGUES, p. 109).

Para Prandi (2001), as festas de *candomblé* onde os *orixás* se manifestam por meio do transe ritual, são precedidas por uma série de preparativos e procedimentos que requer dos membros a participação dos ensinamentos e obrigações que acompanham o ritual. Trata-se, pois de sacrifício de animais, banquetes, fazimentos de comidas, dança e música que se somam ao cerimonial.

[...] No *candomblé*, emblematicamente, quando o filho-de-santo entra em transe e incorpora um *orixá*, assumindo sua identidade representada pela dança característica que lembra as aventuras míticas dessa divindade, é o passado remoto, coletivo, que aflora no presente para se mostrar vivo, o transe ritual repetindo o passado no presente, numa representação em carne e osso da memória coletiva. (PRANDI, 2001, p. 49)

Em Nina Rodrigues, a iniciação é uma feitura acompanhada por pais e mães de santo numa cerimônia para festejar os santos. Entretanto, sua entrada requer estar de posse de um objeto que supõe ser um fetiche. Depois vai consultar o pai do terreiro que, por meio de búzios ou dados, onde logo diz qual o santo é, e ao mesmo tempo lhe designa o pai ou mãe do terreiro que tem de preparar o fetiche e dirigir a iniciação. (RODRIGUES, 1935)

Diante de tais apontamentos, os rituais de iniciação referendados por Nina

Rodrigues na qual ele mesmo presenciou relatava ainda: “a descrição exata de uma iniciação a que assisti há pouco tempo, servirá de exemplo destas práticas fetichistas na Bahia” (RODRIGUES, p.76). Nina Rodrigues explicou que a festa de cerimônia da iniciação varia de 16 dias a um ou mais meses, pois a filha de santo não pode sair do terreiro.

Como indica a denominação de *dar de comer ao santo*, a festa consiste essencialmente na prática de sacrifícios. Entre os negros bahianos, como entre os seus ascendentes de Guiné, o sacrifício chegou a essa fase do seu aperfeiçoamento ou evolução em que, instigado pelo desejo de fazer economias, o crente substitue o todo pela parte. Isto é, destina-se ao santo o sangue ou uma parte das vísceras dos animais, sendo o corpo servido aos donos da festa e seus convidados. Nos *candomblés* bahianos, o sacrifício varia segundo os recursos do crente e as exigências do ritual, desde um boi, uma cabra, um carneiro até uma galinha ou um pombo. Como em todos os sacrifícios, o sangue, na sua qualidade de veículo ou elemento essencial da vida, tem para os santos negros particular estima e preferência. (RODRIGUES, 1935, p. 142)

Com relação a João do Rio, o mesmo foi convidado por Antonio, seu informante, para assistir um ritual de iniciação de uma *Yauô*⁴, que seriam nas palavras do jornalista ‘demoníacas’ e ‘delirantes’.

Antes de entrar para a camarinha, a mulher, predisposta pela fixidez da atenção a todas as sugestões, presta juramento de guardar o segredo do que viu, toma um banho purificador e á meia-noite

⁴ Significa as bases do culto africano do *candomblé* descritos por João do Rio e Nina Rodrigues, tratava-se de uma condição para a entrada numa confraria.

começa a cerimônia. A Yauô senta-se numa cadeira vestida de branco. Todos em derredor entoam a primeira cantiga a Echú. *Echú tiriri, lô-nambará ô bêbê Tiririlo-nam Echú tiriri*. O babaloxá pergunta ao santo onde deve ir o cabelo que vai cortar á futura filha, e, depois de ardente meditação, indica com aparato a ordem divina [...] (RIO, 1906, p. 17).

João do Rio sinalizava ainda, para a presença de uma liturgia que fazia parte do ritual que de todo modo era um requisito necessário à entrada do iniciado.

As rezas começam então; o pai de santo a cabeça da Yauô com uma composição de ervas e com afiadíssima navalha faz-lhe uma corôa, enquanto a roda canta triste [...] (RIO, 1906, p. 17). Babaloxálava-lhe ainda a cabeça com sangue dos animaes esfaqueados pelos ogans, e as Yauô antigas levam-na a mudar a roupa, enquanto se preparam com ervas os cabelos do alguidar [...] (RIO, 1906, p.18).

Tanto Nina Rodrigues quanto João do Rio, anunciavam em seus discursos aos investimentos financeiros feitos pelos iniciandos ao serem escolhidos para tal prática, segundo Nina Rodrigues, “o iniciado prepara o seu enxoval, ou antes, o guarda-roupa do santo e reserva as suas economias para a grande festa da iniciação” (RODRIGUES, 1935, p. 76). Já João do Rio salienta, “como as despesas são grandes, as futuras *yauô* levam meses fazendo economias, poupando, sacrificando-se. E’ de obrigação levar comidas, presentes, dinheiro ao pai de santo para a sua estadia no *ylê ache-ó-ylê-orixá*, estadia que regula de 12 a 30 dias” (RIO, p. 15).

Diante de tal manifestação religiosa, Nina Rodrigues descrevia também detalhes sobre preparativos presentes no rito de iniciação, bem como, os personagens deste para a

concretização.

Olympia, a inicianda, havia encontrado uma pequena pedra de forma estranha, um pouco alongada, e, tendo uma das extremidades dois fetiche, foi consultar Livaldina que lhe disse ser Osun e que a mãe de terreiro Thecla seria a sua mãe de santo. Preparada Olympia e marcado o dia da iniciação, veio a esta cidade (porque a iniciação devia ter lugar fora), afim de convidar para a festa um pai de terreiro que aqui reside no Kabula e é particular amigo de seu pai, que por seu turno também é pai de terreiro. Foram convidados ainda outros pais e mãis de terreiro, entre elles a mãe Thecla, velha africana actogenaria, que para comparecer não duvidou fazer uma viagem a pé de quase três léguas. Achavam-se assim reunidos cinco mãis e os outros dois pais de terreiro, dos quaes três Africanos e os outros creoulos, mas todos filhos de Africanos (RODRIGUES, 1935, p.76).

Momentos de sacrifício e de entrega da inicianda ao ritual eram descritos por Nina Rodrigues que anunciava a manifestação do santo por meio de possessão na cerimônia, presentes nos excertos a baixo;

Raspada assim a cabeça, é ella vigorosa e demoradamente lavada com uma infusão especial de plantas sagradas, processo que se acompanha de gestos e palavras cabalísticas e por cuja virtude se há de dar a possessão, ou manifestação do santo. Com giz ou uma pasta branca, fazem nas faces da iniciada traços em tudo semelhantes pela situação, forma e número aos gilvazes que os africanos trazem no rosto como distinctivos ethnicos, sociaes ou religiosos (RODRIGUES, 1935, p. 79).

Havia, contudo, traços de purificação, mistérios em meio a presença

de simbolismo na narrativa de Nina Rodrigues, o que pressupunha um abandono de vida anterior por parte da inicianda e um nascer por meio de pureza e purificação.

Um dia, não há muitos mezes, assistia eu a um candomblé, próximo da porta que dava para a sala onde dansava uma rapariga em estado de santo. Notei que uma mulher negra, moça ainda, que se achava ao meu lado, seguia a dança com maior atenção. Perguntei-lhe si também tinha santo e qual elle era. Respondeu-me que tinha santo, mas ainda não o tinha podido fazer por falta de recursos para a festa da iniciação, que ella estava, porém, se preparando, e me pedia que a auxiliasse com uma esmola. Momentos depois, de súbito lança-se ella na sala e põe-se a dansar com uma expressão tal que não tive a mínima duvida de que não se achava em estado normal. Interpellei a respeito a mãe de terreiro. E esta me explicou que não são raros os casos, como o daquela rapariga, em que mesmo antes da iniciação o santo já se revela. E' o que se chama um santo bruto, ainda não feito. Nestes casos tem-se as manifestações como um castigo, uma perseguição do santo para a pessoa o mande logo fazer. (RODRIGUES, 1935, p. 117-118)

Na obra de Nina Rodrigues a narrativa as descrições acerca do rito de iniciação abordavam ainda um formato carregado de preparativos. Tais práticas eram verdadeiros ritos africanos de caráter rigoroso e divino ao mesmo tempo, cujas manifestações vão além do religioso. Para Nina Rodrigues existia uma preocupação com a mente e o corpo do negro, como sendo uma raça pré-disposta a transe, histeria e possessão. Como forma de pesquisar e diagnosticar o negro no Brasil Nina Rodrigues e seus pares traçavam por meio da medicina uma cura desse mal.

Existe, entretanto, a presença no

discurso de João do Rio em também determinar está prática de histeria do negro enquanto uma condição de patologia social, Segundo João do Rio, “vivi três mezes no meio dos feiticeiros, cuja vida se finge desconhecer, mas que se conhece na allucinação de uma dor ou da ambição, e julgo que seria mais interessante como pathologia social estudar, de preferência aos mercadores da paspalhice, os que lá vão em busca do consolo” (RIO, p. 26). Doravante, vivenciada pelo próprio João do Rio em pesquisa de campo.

Assim sendo, a descrição de Nina Rodrigues sobre o rito de iniciação é narrado como;

Preparados os animaes do sacrificio, á tarde, como é de praxe, teve lugar o sacrificio propiciatório precede todas as festas de santo, pois a sua preterição traria como consequência infalível a perturbação da festa. A' noite, a inicianda tem de tomar um banho, mystico, verdadeira purificação lustral, em que troca por vestes novas as que trazia, as quaes são abandonadas, em symbolo, supponho eu, de completa renuncia á vida anterior. Olympia foi tomar este banho numa fonte sagrada de uma engenho da vizinhança. Acompanharam-na a mãe de terreiro, Tecla, que devia pronunciar as orações adequadas ao acto, e uma filha de santo que conduzia as vestes brancas e engomadas de *Osum*, com que se devia revestir Olympia, depois do banho. Estou informado de que este banho, em certos ritos africanos, mesmo entre nós, se dá ás vezes com infusões de plantas que gozam de propriedades e virtudes fortemente estimulantes, e são tidas como plantas sagradas. (RODRIGUES, 1935, p. 77-78)

Os ritos de iniciação mereceram também a atenção de João do Rio, como demonstram alguns excertos a seguir: “Fazer santo é colocar-se o patrocínio de

um fetiche qualquer, é ser batizado por elle, e por espontanea vontade delle” (RIO, 1906, p. 14), explicava o jornalista. E afirmava ainda que, “Para que uma mulher saiba a vinda do santo, basta encontrar na rua um fetiche qualquer, pedra, pedaço de ferro ou concha do mar” (RIO, 1906, p. 14). Assim como Nina Rodrigues, João do Rio também relatou que o rito de iniciação demorava em torno de 16 dias, tempo necessário para o santo se revelar e contava com danças, cantos, rezas, comidas e bebidas em comemoração a chegada do santo.

As rezas começam então; o pai de santo a cabeça da Yauô com uma composição de ervas e com afiadíssima navalha faz-lhe uma corôa, enquanto a roda canta triste [...] (RIO, 1906, p. 17). Babaloxâlava-lhe ainda a cabeça com sangue dos animaes esfaqueados pelos ogans, e as Yauô antigas levam-na a mudar a roupa, enquanto se preparam com ervas os cabelos do alguidar [...] (RIO, 1906, p.18).

Portanto, Nina Rodrigues e João do Rio forneceram cada um a sua maneira, descrições sobre as crenças religiosas afro-brasileiras, uma contribuição de imenso valor histórico para estudos e pesquisas documentais.

Considerações finais

Assim sendo, as práticas ritualísticas do candomblé apresentadas pelo médico legista e pelo jornalista, revelaram em meio à figura do negro em sociedade intensos debates em torno do sentimento religioso e das manifestações fetichistas associadas às tradições de matriz africana. Esta herança cultural mítica sofreu influências católicas durante seu processo de reconhecimento e por este motivo Nina Rodrigues e João do Rio narraram de forma distinta suas visões e reflexões de sobrevivência religiosa de repetição. Os escritos destes autores permitem conhecer a historicidade de objetos, como os ritos de

iniciação, que de outra forma, se não pelo discurso médico e jornalista, não teriam sobrevivido por outros suportes documentais.

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **As produções do lugar**. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. PP. 31-65.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.
- CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e antropologia no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2013.
- MONTERO, Paula. **Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil**: Revista Novos Estudos. São Paulo: Cebrap, n.74, p. 47-65, 2006.
- SILVA, Vagner Gonçalves Da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- SERAFIM, V. **Revisitando Nina Rodrigues: um estudo sobre as religiões afro-brasileiras e o conhecimento científico no século XIX**. Maringá: Eduem, 2013
- SERAFIM, Vanda Fortuna. **Crenças e Religiosidades Afro-Brasileiras: Uma Análise Comparativa dos escritos de Nina Rodrigues e João do Rio**. Rhc- Revista de História Comparada, Ano 2014, v. 8, n. 2. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/1837/1676>. Acesso em 11/05/2015
- PRANDI, Reginaldo. **O candomblé e o tempo: Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras**. Rbcs- Revista Brasileira de Ciências Sociais, Ano 2001, v. 16, n.47. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7719.pdf. Acesso em 1/12/2016
- RODRIGUES, R. N. **O animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Apresentação João Carlos Rodrigues. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- Fontes escritas:**
- RIO, J. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro- Ed. 1904.
- RODRIGUES, R. N. **O animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1935.